

# APRESENTAÇÃO

*Discursos Constituintes* reúne estudos que se dedicam a refletir e ampliar a discussão sobre os discursos constituintes, com base na hipótese apresentada por Maingueneau e Cossutta<sup>1</sup> e Maingueneau<sup>2</sup>, no âmbito da Análise do Discurso de linha francesa. Maingueneau trata a categoria “discurso constituinte” como um programa de pesquisa, que possibilita ao pesquisador identificar um número de discursos com algumas propriedades comuns relacionadas às suas condições de emergência, funcionamento e circulação. Esses discursos, para o autor, são: o literário, o religioso, o científico e o filosófico. A constituição desses discursos é fundar e não de ser fundado, pois são concomitantemente auto e heteroconstituente, na medida em que eles mobilizam o *archéion*, ou seja, evocam para si uma autoridade fundante, que garante e valida diferentes gêneros de discurso.

Nosso projeto é instigante, pois este tema está pouco desenvolvido ainda e, segundo o próprio Maingueneau, é problemático, questionável, de difícil manejo, e de propriedades muito abstratas, embora em cada discurso constituinte haja um investimento peculiar na cenografia, no código linguageiro e na voz enunciante. Com esta coletânea, queremos dar ampla visibilidade aos resultados de investigações científicas sobre esta categoria de discurso, avançar no conhecimento e instaurar debates frutíferos no campo da Análise do Discurso. Para executar a tarefa de produção da coletânea, convidamos professores doutores da área da Linguística, que se dispuseram, em uma perspectiva interdisciplinar, dar contribuições ao tema que propomos, uma vez que discutir sobre Discurso Constituinte faz-nos, necessariamente, dialogar com a Literatura, com a Religiosidade, com a Filosofia e com as Artes.

No primeiro capítulo, **Maria Aldina Marques**, em *Vozes da ciência. Discurso científico e enunciação*, discute, a propósito do discurso científico, acerca das características do gênero artigo científico, considerado um dos seus gêneros nobres. Esta preponderância está em franco crescimento, no quadro dos novos sistemas de avaliação da produção científica, ancorados na indexação em bases de dados como a *Scopus*, ou a *Web of science*. Baseada nos parâmetros externos caracterizadores dos gêneros, Marques propõe uma discussão das fronteiras do

---

<sup>1</sup> Maingueneau & Cossutta (1995).

<sup>2</sup> Maingueneau (2000, 2006, 2008).

discurso científico. A autora, assim, considera que o discurso científico não pode ser sinônimo de discurso acadêmico, pois os contextos de produção são diversos. De outra forma, distingue os objetivos discursivos, os estilos e os lugares discursivos de circulação dos gêneros em questão, considerando, também, que as finalidades e o estatuto sociocomunicativo dos interlocutores constituem parâmetros de diferenciação. Nessa senda, Marques abre espaço para as análises da construção da voz autorizada do locutor na relação com as vozes que mobiliza para o discurso, o que designa como *referenciamento*, em artigos científicos da área das Ciências da Linguagem, da autoria de investigadores seniores, em revistas científicas portuguesas.

Jarbas Vargas Nascimento, em *O discurso teológico como discurso constituinte*, interroga a inclusão do discurso religioso, na categoria de discurso constituinte, conforme proposto por Maingueneau<sup>3</sup>. Conforme Nascimento, o problema consiste, assim, em questionar a constituição do discurso religioso e reconhecer a constituição do discurso teológico, a partir de seus mecanismos de comunicação, que conferem sentidos às ações da coletividade, tornando-se fundador de outros gêneros de discurso. Para tanto, o autor visa a comprovar a constituição do discurso teológico, verificar a relação interdisciplinar da Análise do Discurso com a Teologia, de cujas abordagens destacam-se aspectos de instauração discursiva e identificar, no *corpus* de análise, um investimento no código linguageiro, na cenografia e no *ethos* discursivo, que se articulam, para suscitar a adesão do co-enunciador, ao inscrevê-lo em uma instituição discursiva, que legitima o teológico, como uma atividade enunciativa da sociedade. Apoiando-se no debate iniciado por Maingueneau sobre os discursos constituintes, o autor mobiliza seu posicionamento ideológico para construir o arcabouço teórico-metodológico no qual se fundamenta, que privilegia uma perspectiva enunciativo-discursiva, por meio de um percurso teórico-analítico, que me permite abordar os discursos constituintes como uma hipótese de pesquisa, que se abre à formulação de questões inéditas para o discurso teológico. Como forma de comprovar a constituição do discurso teológico, Nascimento utiliza como corpus de análise o texto que se encontra no Segundo Testamento, mais particularmente, em João 2, 1-11 e encena uma festa de casamento realizado em Caná da Galileia.

Examinando a constituição do discurso teológico, Carlos Alberto Baptista, em *O Deus da Harmonia: A legitimação de um espaço no campo discursivo da religiosidade*, analisa como ocorre o processo enunciativo-discursivo de legitimação na emergência de um novo posicionamento no campo discursivo religioso: a Seicho-No-Ie. Seleciona os discursos que marcam a emergência da doutrina, que

---

<sup>3</sup> Maingueneau (2004, 2005).

surgiu no Japão em 1929, quando seu fundador, Masaharu Taniguchi, vivenciou as primeiras revelações divinas e, depois, foi introduzida no Brasil na década de 1960, principalmente, com a publicação da coletânea de livros “A verdade da vida”, da qual destaca o primeiro volume. Baptista, para fundamentar seu aparato teórico-metodológico, mobiliza a Análise do Discurso de linha francesa, na perspectiva enunciativo-discursiva desenvolvida por Maingueneau, evocando as categorias de discursos constituintes e cenas de enunciação. Dado o caráter interdisciplinar da AD, o autor mobiliza os estudos de Bourdieu sobre a noção de campos sociais, destacando os conceitos de campo e legitimação. Os discursos analisados apontam que, em sua constituição doutrinal, os discursos da Seicho-No-Ie buscam, pela cenografia da revelação divina, legitimar-se por um processo enunciativo paratópico, cujo enunciador recebe sua autoridade enunciativa de um hiperenunciador.

No quarto capítulo, **Anderson Ferreira**, em *O discurso científico na enunciação terapêutico-midiática: Augusto Cury e o teatro das mentes*, visa a examinar os atravessamentos (e vernizes) do discurso científico na enunciação terapêutica de canais da mídia social *You Tube*. O autor procura verificar o que ele chama de “fio condutor discursivo”: um objeto opaco percebido como certo “mal-estar social”, o qual recorta tanto os espaços científicos das ciências humanas e sociais, quanto os espaços mais abertos da comunicação. Como *corpus* de apoio, Ferreira constitui discursos científicos, cujos enunciados gravitam em torno da formação discursiva temática “sociedade contemporânea”. Como *corpus* de referência, reúne discursos em três vídeos no *You Tube*, que fazem parte do “canal” do médico psiquiatra Augusto Cury. Ferreira procura demonstrar a hipótese de que a enunciação terapêutico-midiática no *corpus* de referência, na medida em que recorre ao discurso científico para se legitimar, procede de maneira duplamente redutora: i) procura “formar” formações discursivas “pessimistas” acerca da atual sociedade (sociedade doente, sociedade estressante etc.), ao mesmo tempo em que; ii) instaura, em seu interior, um *eu*, que, descartando a mesma sociedade, torna-se objeto de sintomas e diagnósticos num espaço discursivo de cura. Assim, o *eu* inscreve um sujeito que incorpora técnicas neoliberais para se livrar das angústias e sofrimentos que, muitas vezes, surgiram na inscrição em um comportamento neoliberal.

Na sequência, **José Francisco das Chagas Souza** e **Marcio de Lima Pacheco** apresentam, em *Linguagem falada e linguagem falante do ser: Riobaldo e a fenomenologia da linguagem no discurso fundante do ser-tão rosiano*, a linguagem filosófica-literária que se encontra no discurso de Riobaldo, narrador-personagem de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Buscam, assim, a partir desta fala contida na obra literária, descobrir o viés filosófico de passagens marcantes no decorrer da referida obra como discurso fundante quando se utiliza das

falas, cotidianas, corriqueiras peculiares aquele povo da região do Brasil, o sertão de Minas, Goiás e Bahia, o que permite a linguagem filosófica-literária, segundo os autores, um caráter não só local, mas universal. É a partir do *devoir* de uma *linguagem viva* que vai da *fala falada* à *fala falante*, como defende Maurice Merleau-Ponty, filósofo mobilizado pelos autores. Souza e Pacheco consideram, então, que os discursos de Riobaldo estão dentro da perspectiva desta linguagem em movimento, portanto, em elaboração. Utilizando, dessa forma, a leitura e documentação dos textos que serviram de base, destacando cenas retratadas no sertão pelo autor brasileiro e pelo filósofo francês referido. Nessa senda, apontam elementos capazes de uma interface no discurso filosófico-literário, como *discurso constituinte* que funda e não é fundado, conforme postula Maingueneau.

Em *Enunciação satírico-burlesca seiscentista: posicionamento e posição enunciativa no discurso constituinte literário*, **André da Costa Lopes** estuda questões relacionadas à noção de posicionamento discursivo e de posição enunciativa em enunciados satírico-burlescos de Antônio da Fonseca Soares. Autor do período Barroco, Antônio da Fonseca Soares é reconhecido por uma vasta produção discursiva literária e por uma trajetória de poeta mundano e escritor espiritual. Lopes investiga, a produção discursiva satírico-burlesca, a qual toma como uma identidade pertencente ao posicionamento discursivo Barroco.

Finaliza a coletânea o capítulo de **Ricardo Celestino** e **Diana Navas** intitulado *Quando todos sumiram: as condições de estar só em Sozinho do deserto extremo, de Luiz Brás*, no qual o autor e a autora examinam as condições de consolidação de um quadro hermenêutico para a análise de obras literárias da literatura de ficção científica, as quais são tomadas como discurso. Para tanto, Celestino e Navas mobilizam um arcabouço teórico-metodológico interdisciplinar das ciências humanas, em destaque para os estudos da linguagem. Como *corpus* de referências, os referidos autores selecionam discursos que problematizam a condição de estar só da obra *Sozinho no deserto extremo*, de Luiz Brás.

Agradecemos a todos aqueles que contribuíram com a feitura desta coletânea.

*Jarbas Vargas Nascimento*

*Anderson Ferreira*

São Paulo, inverno de 2020.